

ROTEIRO PARA ENTENDER SOCIOLINGÜÍSTICA

Neusa Inês Phillippsen¹
Juliana Borges de Oliveira²

BORTONI-RICARDO, Stella, M. Manual de Sociolinguística. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

A autora Stella Maris Bortoni-Ricardo tem uma vasta obra publicada nas áreas de Sociolinguística e Etnografia. É professora emérita de Linguística da Universidade de Brasília. Organiza o *site* <http://www.stellabortoni.com.br/> que disponibiliza algumas de suas obras e apresentam estudos recorrentes no Brasil, 20 de fevereiro de 2018, especialmente na Capital Federal, pertencentes a três projetos; ‘A Brasília que não lê’, ‘Projeto de leitura’ e ‘Projeto letramento no ensino fundamental’, dispondo também de *links* com livros e artigos para a formação dos professores de linguagens. É formada em Letras Português-Inglês pela Pontifícia Universidade Católica/PUC-Goiás (1968), tendo cursado o primeiro ano no Lake Erie College, em Ohio nos Estados Unidos; mestre em Linguística pela Universidade de Brasília (1977) e doutora em Linguística pela Universidade de Lancaster (1983). Atua principalmente nos seguintes temas: Letramento e formação de professores em língua materna, alfabetização e etnografia de sala de aula.

O livro *Manual de Sociolinguística* enriquece ainda mais a literatura no Brasil, assim como a área da Linguística. Desde a década de 1970, várias pesquisas são realizadas no Brasil, dentre elas as que levam em consideração o caráter variacional da linguagem. Nesse sentido a publicação de um manual torna a obra bastante didática, visto que traça o percurso histórico da definição da Sociolinguística como ciência, sua ramificação no Círculo Linguístico de Praga, as pesquisas que contribuíram para o desenvolvimento da disciplina, como as de Bakhtin e os

¹ Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLetras) e do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT/Sinop). Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: neusa@unemat-net.br

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação PPGLetras da Unemat, Câmpus de Sinop. Docente de Língua Portuguesa e Língua Inglesa. E-mail: julianastaciosnp@gmail.com

dois trabalhos pioneiros de William Labov, feitos em Martha's Vineyard e Nova York. Também apresenta estudos realizados no Brasil.

Cabe ressaltar que a capa escolhida para o *Manual de Sociolinguística* apresenta uma obra do artista Wandomiro Sant'Anna, que é a reprodução de seu quadro intitulado 'Festa Junina'. Nele mostram-se instrumentos musicais que fazem parte da cultura brasileira, como a sanfona, o violão, pratos e clarinete, dando a impressão de um animado baile, com bandeirolas na decoração, os personagens, vestidos de roupas coloridas, estão dançando possivelmente o forró. A mestiçagem típica do brasileiro é caracterizada pelos rostos morenos e mulatos.

A escolha desta imagem é um convite para se entender o caráter variacional do povo brasileiro, sua cultura e principalmente a língua. A festa junina que antes era tradicional no interior do país, sobretudo na zona rural, migrou para a cidade trazendo consigo a raiz fortemente cabocla do povo brasileiro. E quanto à língua que falamos, os questionamentos apresentados são os seguintes; Existe uma única forma de falar certo? E qual seria esta forma de falar? Acreditamos que apenas o outro fala 'errado', com sotaque, diferente e esquisito? Cabe aqui enfatizar para os que ainda não adentraram na riqueza que esta disciplina estuda, o convite para a leitura do livro.

A obra está dividida em dez capítulos, além da introdução e das notas, ao final de cada capítulo a autora apresenta uma sequência de sugestão de exercícios, que podem ser uma opção para o professor da disciplina na graduação ou também na pós-graduação utilizar para ampliar o aprendizado relacionado à ciência.

O capítulo inicial nomeado de 'A sociolinguística: uma nova maneira de ler o mundo' apresenta como foi a trajetória da disciplina no século XX. A autora resalta que linguistas como Meillet [1866-1936], Michael Bakhtin [1895-1975] e outros membros do Círculo Linguístico de Praga já levavam em conta o contexto sociocultural e a comunidade da fala em suas pesquisas linguísticas realizadas na década de 1920, ou seja, este pode ser considerado um início para o que viria a ser a Sociolinguística como ciência de estudos da linguagem em meados dos anos 1960.

Em 1964 reuniu-se na Universidade da Califórnia, nos Estados Unidos, cerca de 25 pesquisadores para uma conferência promovida pelo linguista William Bright sobre Sociolinguística, destes muitos estavam imbuídos nas tentativas de construir metodologias para investigar o caráter variacional da linguagem. A preocupação deste grupo era dar conta da heterogeneidade linguística dos centros urbanos americanos e diminuir a defasagem escolar de alguns grupos de alunos afrodescendentes. O evento pode ser considerado um marco para a

área, uma vez que vários estudos nos quais observavam os atos da fala dentro de uma comunidade datam a partir deste período.

O exercício proposto no final deste capítulo é para fazer a relação entre as ideias de todos os linguistas citados e, com base na lista, descrever a contribuição de cada autor para o avanço da ciência.

No capítulo seguinte, a autora trata das línguas no mundo, esclarecendo também sobre o multilinguismo no Brasil e a falta de inteligibilidade entre os idiomas diversos. Os dados apresentados por Bortoni-Ricardo são deveras ricos. Não há uma resposta precisa sobre o número de línguas existentes no mundo, estimando-se entre seis ou sete mil línguas. O número exato não há como precisar, pois, existem muitas línguas não catalogadas, especialmente na África, Ásia e também na América do Sul. Para identificar uma língua, não é fácil, vista que muitas podem ser referidas como dialetos/variedades.

No Brasil também há divergências entre o número de línguas faladas, sendo uma média de 200 ao todo, e cerca de 180 somente das nações indígenas. Grande parte destas não possui número expressivo de falantes e sua sobrevivência é incerta. O bilinguismo/multilinguismo é uma realidade em muitas aldeias no país, que convivem com outras línguas indígenas e com o português.

Ao contrário do que muitas pessoas pensam, o multilinguismo é mais comum no mundo do que o monolinguismo. No Brasil, esse pensamento ocorre porque a língua portuguesa é a língua materna da maioria das pessoas e poucos são falantes de outras línguas.

Uma polêmica entre os estudos da formação da língua portuguesa no Brasil é se houve ou não os *pidgins* durante o período colonial. Ou seja, esta passagem da língua, que pode ser explicada, de forma grosseira, como um passo antes de uma língua crioula, é caracterizada pela redução flexional da morfologia da língua. Naro e Scherre (2007) posicionaram-se contrários a esta hipótese, por outro lado Lucchesi (2008) apresenta evidências que realmente ocorreu a formação desta língua durante os séculos XVI a XVIII, especificamente em Minas Gerais durante o ciclo do ouro e diamante.

Por sua vez os estudos de Serafim da Silva Neto (1977) fazem referência a fragmentos do português falado pelos índios em 1690, que parecem uma evidência desta interlíngua, ou seja, o processo de pidgnização na língua falada.

Os exercícios propostos no final desta parte do livro estão relacionados ao Artigo 8º da Declaração Universal dos Direitos Linguísticos anunciada em Barcelona, em 1996. Também

sobre o plurilinguismo presente na cidade de São Gabriel da Cachoeira, na região do Alto Rio Negro-AM, que registra a presença de 23 línguas diferentes.

No terceiro capítulo, a autora apresenta uma discussão sobre a micro e a macrossociolinguística apoiada pelos estudos do canadense Erving Goffman [1922-1982], além disso recupera as contribuições do Círculo de Praga sobre a microssociolinguística. Goffman em 1964 buscou dar foco em seus estudos na dimensão simbólica da linguagem e nas interações entre os falantes, nesse contexto atentou-se para as expressões faciais as chamando de decoração facial, bem como aos gestos e até mesmo à distância durante o ato de fala. Estes estudos são trabalhados mais especialmente no ramo da disciplina denominada Sociolinguística Interacional.

Sobre a macrossociolinguística um dado marcante é a formação do Círculo Linguístico de Praga, entre os anos de 1928 e 1939, e um dos nomes importante para os estudos das linguagens é o do russo Roman Jakobson. A autora apresenta dados relevantes sobre a importância da língua portuguesa no mundo ocidental e a preocupante taxa de analfabetismo no Brasil, visto que, de acordo com o censo de 2010, 9,6% dos brasileiros são analfabetos absolutos. Tais dados refletem na pouca presença da língua portuguesa na *web*.

Quanto aos hábitos de leitura no Brasil, os números também não são animadores. Segundo a Câmara Brasileira do Livro (CBL), em um levantamento feito no ano de 2008, somente 13,6% da população do Brasil lê pelo menos três livros por ano, sendo a média de leitura entre os brasileiros de 1,8 livros ao ano, enquanto os norte-americanos leem 5 e os europeus entre 5 e 8 livros. O capítulo se encerra com trechos do estudo de Verônica Pereira de Almeida (2013), que fez pesquisas com crianças entre 10 e 11 anos sobre a observação que elas fazem nos modos que as pessoas falam.

A proposta de atividade da autora neste capítulo está relacionada aos países que falam a língua portuguesa, também solicita uma reflexão sobre os exemplos de pesquisas da macrossociolinguística e da microssociolinguística apresentadas.

Em seguida, no quarto capítulo, a autora apresenta a herança que a Linguística Estruturalista deixou para as pesquisas da heterogeneidade inerente. É construído um quadro comparativo entre a Linguística Estruturalista em relação à Funcionalista.

O início dos estudos da Sociolinguística, como supracitado, ocorreu nos Estados Unidos, através do linguista de formação estruturalista William Labov, tendo como mentor Uriel Weinreich que, por sua vez, foi discípulo do renomado estruturalista André Martinet. Em 1968, Weinreich, Labov e Herzog publicaram uma obra intitulada *Fundamentos empíricos para*

uma teoria da mudança linguística, que criticou a homogeneidade da língua, estabelecida por Saussure. “Os autores afirmam ainda que, em uma comunidade real de fala, o que deveria ser considerado estranho seria a ausência da heterogeneidade estruturada [...]” (p.52). Um falante nativo domina as estruturas heterogêneas que devem ser consideradas uma competência linguística monolíngue de cada falante e não uma questão de multidialetalismo ou desempenho.

Como já dito os estudos de William Labov em Martha’s Vineyard e também em Nova York foram muito importantes para a definição da Sociolinguística. O primeiro ocorreu no Estado de Massachussets, utilizando uma metodologia de coleta de dados através de entrevistas direcionadas. Para posteriores análises contemplassem as variações linguísticas. “O estudo contemplou ainda uma distribuição por idade e por tempo na análise dos dados” (p. 56), evidenciando em Vineyard uma mudança linguística em curso. Quanto ao estudo em Nova York intitulado “The social stratification of English in New York City”, foi feito um levantamento linguístico com 80 entrevistas, para mostrar que o emprego do fonema /r/ no final das sílabas é um traço que marca prestígio.

O capítulo é encerrado com um roteiro para realizar uma pesquisa de ocorrências do fonema /r/ e sua supressão nas falas do português brasileiro, com sugestão de metodologia para analisar os dados obtidos.

No capítulo seguinte, cinco, intitulado “A herança da Linguística Estruturalista: o tratamento da variação linguística” a autora inicia com o relato do reconhecimento de Bloomfield de que a variação sistemática é considerada como formas alternativas de se dizer a mesma coisa. Dessa forma os, pesquisadores devem atentar-se que a “maioria dos países contemporâneos, monolíngues, no decorrer de sua história, mais propriamente na Idade Moderna, vivenciou a formação de uma variação padrão” (p. 69). Em países europeus, por exemplo, é possível fazer uma linha histórica de como surgiu uma variedade, ou um dialeto, a partir da constituição de um governo uma vez que a elaboração de gramáticas, dicionários, ou seja, de regras de ortografia são padronizadas pelo governo.

O texto apresenta ainda várias pesquisas realizadas no Brasil que levam em conta o caráter variacional presente nas falas em relação à norma-padrão. A atividade proposta também segue a linha de investigação sobre as variações regionais presentes no território nacional.

Na sequencia o estudo gira em torno da tradição da Antropologia Cultural da etnografia da comunicação de Dell Hymes. Este estudioso definiu três orientações para a Sociolinguística: a primeira que a linguística é social e que consiste na aplicação da teoria nos problemas práticos; a segunda que a linguística é socialmente realista; e, a terceira que a linguística é socialmente

constituída. Citando Figueroa (1994, p. 33), a autora afirma que “A frase ‘socialmente constituída’ pretende expressar a visão de que a função social dá forma aos modos como os traços linguísticos são encontrados na vida real” (p. 85-86).

No convívio em sociedade há muitas tarefas comunicativas que exigem certos recursos de linguagem, seja de oratória, seja de retórica, em que cada campo do saber desenvolveu e desenvolve um léxico particular de acesso aos iniciados. É importante se tomar conhecimento destes léxicos para viabilizar a competência nas tarefas comunicativas próprias de um determinado domínio social. Dell Hymes (1974) propõe, através do preceito mnemônico, o termo *speaking*, em que cada letra desta palavra remete a um elemento chave para a pesquisa etnográfica. Os elementos são S – *Setting or scene*: ambiente, P – *Participants* – participantes, E: *Ends*: fins ou propósitos, A – *Acts sequence*: forma e conteúdo da mensagem, K – *Key*: tom ou modo de pronunciar, I – *Instrumentalities*: instrumentos de transmissão, N – *Norms*: normas de interação e interpretação, G – *Genres*: gêneros textuais, orais ou escritos. As atividades propostas são de aplicação das categorias hymesianas resumidas na palavra *speaking*, podendo ser através de gravação de eventos comunicativos.

No sétimo capítulo, Bortoni-Ricardo apresenta alguns exemplos de pesquisas etnográficas orientadas pela Sociolinguística, dentre elas a da pesquisadora Luciana M. Cunha Muniz (2010), sobre a Folia de Reis no município de Jaraguá em Goiás. Com um repertório sociolinguístico de contação de causos e moda de viola, que ocorrem durante o evento festivo, a pesquisadora catalogou elementos importantes para estudos das variações linguísticas. Também é descrita a pesquisa de Maria Avelina de Carvalho que descreveu os modos de viver e de falar dos meninos de rua na cidade de Goiânia entre os anos 1987 e 1988. Inicialmente como trabalho de conclusão de curso, a pesquisa que foi destinada á dissertação de mestrado acabou por tornar-se um referencial para a narrativa da triste realidade das crianças abandonadas. Convivendo por meses com os meninos de rua, que praticavam crimes, faziam uso de entorpecentes e estavam submetidos a todo tipo de violência, o estudo apresenta a virtude das pesquisas etnográficas que é a introdução dos investigadores em ambientes perigosos.

Para a conclusão deste capítulo, é proposta a listagem das características das falas, contidas no texto, e um convite para o estudo de outros trabalhos etnográficos de comunidades no Brasil.

Dando continuidade aos estudos sobre a herança da Antropologia Cultural que caracteriza os estudos sociolinguísticos, o capítulo oitavo descreve o perfil das pesquisas que analisam as redes sociais e a identidade. Um dos destaques apresentados é de autoria da própria

Bortoni-Ricardo (2011) que conduziu, na região de Brazlândia, no Distrito Federal, uma análise de redes para explicar a transição de moradores de áreas rurais para áreas urbanas, “foram identificados dois tipos de rede em que os migrantes de origem rural se inseriam: redes isoladas [...] e redes integradas” (p. 134). Os resultados mostraram que as pessoas pertencentes às chamadas redes isoladas, que são constituídas por parentes e vizinhos, tendem à reserva das variáveis. Por outro lado, aquelas que estão inseridas nas redes integradas avançam mais rapidamente no processo da difusão de seu vernáculo em relação a uma variedade urbana.

A Sociolinguística Interacional por sua vez tem um capítulo específico, o nono, no qual são introduzidos os fundamentos desta área da ciência que foi mais recentemente estudada. Para Goffman (2002/1964), “um encontro social constitui-se de um sistema de ações mutuamente ratificadas, que preveem a distribuição dos turnos da fala e a estabilidade do foco de atenção” (p 146). O autor esclarece ainda que a fala é socialmente organizada não apenas para quem fala para quem em que língua mas também como um pequeno sistema.

As propriedades dialógicas, de acordo com Gumperz (1982), são negociadas pelos próprios participantes, que julgam o propósito do interlocutor, e modificam a medida em que a interação evolui. A teoria interacional procura dar conta das “normas que presidem ao processo interacional” (p. 148) desse modo demonstra que as conversas em que há interação humana não são frases desconexas, mas obedecem uma coerência interna que possibilita a comunicação.

Para atividade de reflexão, é proposto a construção de um texto de duas páginas sobre os fundamentos históricos da Sociolinguística Interacional, e uma pesquisa sobre os autores citados no capítulo.

No décimo e último capítulo do *Manual*, Bortoni-Ricardo vai apresentar o impacto dos estudos da Sociolinguística na educação. Esta ciência, que nasceu com a preocupação de melhorar o desempenho escolar de crianças norte-americanas oriundas de grupos sociais de menor poder econômico, atualmente tem contribuído para tornar a educação mais efetiva. Contudo muitos dos conceitos da Sociolinguística ainda não são bem entendidos pelas escolas e professores, quando desconhecem que os enunciados linguísticos precisam ser adequados ao contexto em que são produzidos, que deve ser considerado o ambiente e os interlocutores e que existem diferenças entre as modalidades oral e escrita em todas as línguas.

É importante destacar também que o analfabetismo no Brasil é um problema antigo e que a culpa do desempenho pífio dos brasileiros em relação a outros países do mundo não deve ser visto de forma a colocar-se culpa apenas nas metodologias adotadas em sala de aula, mas deve ser investigado de forma profunda e não é apenas uma medida ou outra que irá resolver

as falhas educacionais recorrentes. Um dado apontado no texto, um pouco antigo, mas de grande importância, é que, de acordo com o Relatório de Desenvolvimento Humano de 2001 das Nações Unidas, 55% dos países no mundo apresentam melhor desempenho na alfabetização que no Brasil. Em 2010, foram apresentados pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura - Unesco os números sobre o desempenho educacional dos países e de um total de 128 países o nosso país ocupa a 88ª posição.

Na conclusão do capítulo, são arroladas algumas tarefas voltadas para o ensino da língua portuguesa na educação básica, desde as séries iniciais, que podem ser subsidiadas pelos estudos da Sociolinguística. As atividades buscam valorizar a língua oral que os alunos trazem, a reflexão sobre as convenções da língua escrita, os bons livros didáticos de acordo com a série escolar, a localização de informações explícitas em textos contínuos e não contínuos e outros recursos para desenvolver a prática de bons leitores.

O livro apresentado nesta resenha tem o propósito de servir para ser lido e estudado na disciplina de Sociolinguística, tanto nos cursos de graduação quanto nos de pós-graduação. De forma didática e com muitas atividades propostas, o volume apresenta um grande diferencial para os estudos linguísticos, uma vez que ensina como ser um pesquisador reflexivo dos fenômenos linguísticos contempla a proposta de servir como manual para o estudo desta ciência.

Referências

BORTONI-RICARDO, Stella, M. Manual de Sociolinguística. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

Recebido em 03/02/2018

Aprovado em 17/04/2018